

Conclusões

As quatro lanças do Outeiro do Rego formam um conjunto arqueológico de certo interesse pela raridade dos seus tipos: lanças robustas de folha maciça, reforçada com nervuras longitudinais.

As três lanças de espigão espalmado de encabamento, todas do mesmo tipo, resultaram no entanto de três moldes de fundição diferentes.

A lança de encabamento tubular, pela riqueza da sua ornamentação, constitui uma peça de grande beleza e excepcional interesse arqueológico.

Dado o tipo arcaico, comum a todas as lanças de folhas estreitas, robustas e reforçadas com nervuras longitudinais, e ainda numa delas o tipo de ornamentação em zigzague atrás referido, é lícito colocar estas quatro lanças no Bronze inicial.

Na abalizada opinião de D. Luís Monteagudo, a lança decorada de encabamento tubular poderá ser datada de 1400 a. C. e as três lanças de lingueta ou espigão espalmado de encabamento, por serem tipològicamente anteriores, datadas de 1450 a. C.

Instituto de Antropologia «Dr. Mendes Corrêa»
Fevereiro de 1968.

J. R. DOS SANTOS JÚNIOR

Espólio arqueológico da gruta do Bugio

Ao Sr. Rafael Monteiro, que tanto entusiasmo tem dedicado à Arqueologia de Sesimbra.

O. D. C.

A gruta do Bugio, descoberta em 1957 pelo Sr. Rafael Monteiro, fica na freguesia de Azóia, concelho de Sesimbra, uns 500 m a sul desta povoação.

É uma gruta natural, de 9 m de comprimento por 5,5 de largura, aberta no alto da falésia calcária, sobranceira ao mar, a um desnível de uns 150 m.

Por se suspeitar que era uma gruta de importância arqueológica, os Srs. Rafael Monteiro e Dr. Eduardo da Cunha Serrão realizaram nela, em Outubro de 1957, uma escavação.

O material arqueológico e ósseo humano então colhido foi relativamente abundante.

Aqueles investigadores elaboraram sobre o primeiro material o trabalho *Estação Isabel (Necrópole pré-histórica de Azóia)* ⁽¹⁾ e sobre o segundo material publicámos nós, com o auxílio do Instituto de Alta Cultura, o trabalho *Estudo do espólio antropológico da gruta neo-eneolítica do Bugio (Sesimbra)* ⁽²⁾.

Neste fizemos já referência ao espólio arqueológico colhido na referida gruta em Novembro de 1961, pelo Sr. Prof. Doutor SANTOS JÚNIOR e, em Outubro de 1962, por nós, com a dedicada colaboração do Sr. Rafael Monteiro.

Era nosso propósito realizar esta escavação segundo os moldes científicos aconselhados, mas não o pudemos fazer pelos motivos que apontámos em nota publicada nos *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, vol. XIX, fasc. 1, Porto, págs. 69 e 70, intitulada *A Lapa do Bugio (Necrópole pré-histórica de Azóia)*, da qual transcrevemos o seguinte:

«Iniciámos a escavação na zona poente e um pouco adiante da entrada. Preparávamo-nos para, de acordo com os preceitos científicos, escavar por planos e medidas. Em breve, porém, notámos que toda a terra tinha sofrido vários remeximentos. Uns mais recentes, demonstrados por uma pequena pá e uma vassoura que ali encontrámos, e outros seguramente mais antigos, pois os elementos que constituíam o espólio apresentavam superfícies de fracturas antigas».

«Uma escavação intempestiva feita por alunos duma escola secundária de Lisboa, os que certamente ali deixaram a pá e a vassoura a que me referi, pode classificar-se com toda a propriedade de escavação».

Em Julho de 1964 voltámos à gruta do Bugio: fizemos nova escavação, que nos deu novo material antropológico e arqueológico.

No presente trabalho fazemos a descrição do espólio arqueológico colhido nas três últimas companhas, constituído por diversas peças e alguma cerâmica, como a seguir indicamos.

(1) RAFAEL MONTEIRO e EDUARDO DA CUNHA SERRÃO, *Estação Isabel (Necrópole pré-histórica de Azóia)*, sep. do Vol. 1 das «Actas e Memórias do 1.º Congresso Nacional de Arqueologia», Lisboa, 1959, págs. 407 a 429, 4 figs. e 3 est.

(2) AGOSTINHO FARINHA ISIDORO, *Estudo do espólio antropológico da gruta neo-eneolítica do Bugio (Sesimbra)*, in «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, Vol. XIX, fasc. 3-4, Porto, 1964, págs. 221 a 284, 18 figs.

Peças de adorno

1. Contas de colar

São ao todo 50. Destas há três grandes: uma de rocha dura e aspecto marmóreo (Fig. 1, *m*), tem 24 mm de comprimento e 23,5 mm de diâmetro; outra, de vidro azul (Fig. 1, *k*), tem 8 mm de comprimento e 15 mm de diâmetro e uma outra, de calaíte (Fig. 1, *i*), tem 10 mm de comprimento e 8,5 mm de diâmetro.

Das restantes, 38 são de calaíte e 9 de xisto cinzento escuro (Fig. 1, *f*).

O comprimento das 47 contas varia entre 0,5 mm e 4,5 mm e o diâmetro entre 4 mm e 7 mm.

2. Conta de madeira

Dela há apenas metade (Fig. 1, *e*), colhida pelo Sr. Prof. SANTOS JÚNIOR na escavação de Novembro de 1961; tem 30 mm de comprimento e 5 mm de espessura máxima.

3. Pingente

É de calaíte, de forma triangular, com o orifício de suporte na extremidade oposta ao vértice e o comprimento de 3 cm, (Fig. 1, *g*).

4. Acus crinalis

É uma peça incompleta de madeira reduzida a pequena porção do alfinete ou prego e à cabeça ornamentada com um sulco disposto helicoidalmente em seis voltas (Fig. 1, *c*); tem 28 mm de comprimento e 32 mm de perímetro.

Peças de pedra lascada

Temos 4 pontas de seta de sílex, uma porção superior de seta de sílex (Fig. 1, *q*), 2 raspadores de sílex (Fig. 1, *l* e *t*) e 3 facas também de sílex (Fig. 1, *a*, *b* e *h*).

Das pontas de seta, uma tem a base em espigão (Fig. 1, *o*), outra tem-na triangular (Fig. 1, *p*), outra tem um esboço de espigão a meio da base (Fig. 1, *r*) e uma outra a base côncava (Fig. 1, *n*). Três delas têm os bordos serrilhados e retoques bifaciais.

Das 3 facas apenas uma é completa (Fig. 1, *a*). Não têm retoques bifaciais, nem serrilhado.

Peças de pedra polida

Há 3 machados (Fig. 2, *g*, *h* e *m*) e uma goiva (Fig. 2, *i*). Dois dos machados são de xisto azul-escuro (Fig. 2, *g* e *m*) e um de xisto verde (Fig. 2, *h*).

O maior, muito fracturado no gume, tem 102 mm de comprimento; o médio, completo, tem 80 mm de comprimento; o menor, também completo, tem 76 mm de comprimento.

Peças calcárias

Há 5 ídolos cilíndricos: o maior, quebrado numa das extremidades, tem 230 mm de comprimento e 261 mm de perímetro; o médio, tem 136 mm de comprimento e 137 mm de perímetro; um outro, mais pequeno, incompleto (Fig. 2, *a*), tem 63 mm de comprimento e 78 mm de perímetro; os dois mais pequenos são de *gola* (Fig. 2, *b* e *c*), com 62 mm de comprimento cada um.

Nenhum deles apresenta quaisquer desenhos ou gravuras.

Objectos de osso

Destes há um ídolo cilíndrico de *gola* (Fig. 2, *d*), um outro ídolo cilíndrico (Fig. 2, *f*), uma ponta de furador completa (Fig. 2, *e*) e fragmentos de outros furadores (Fig. 2, *j* e *k*).

O ídolo de *gola* tem 61 mm de comprimento e o outro 63,5 mm; a ponta de furador tem 53 mm de comprimento.

Pedra de afiar

É um grés, de forma quadrada, com 50 mm de lado e 13 mm de espessura. Uma das faces é polida e côncava, devido ao desgaste provocado pelo uso (Fig. 2, *l*).

Placas-ídolos

Há seis placas-ídolos, todas de xisto e gravadas numa das faces.

A placa da Fig. 4 tem a forma trapezoidal, contornos completos e coloração verde; os lados são curvos e os cantos arredondados; a base, mais estreita, tem dois orifícios cónicos; as faces são abauladas; a anterior tem decoração.

Dimensões: 147 mm de comprimento, 109 mm de largura máxima, 42 mm de largura mínima e 13 mm de espessura máxima.

Decorações: os orifícios estão feitos numa estreita faixa sem decoração. A faixa superior e a inferior àquela já têm decoração; nos lados da placa, e quase a toda a sua altura, há dois sulcos; a decoração existe para fora e para dentro destes sulcos;

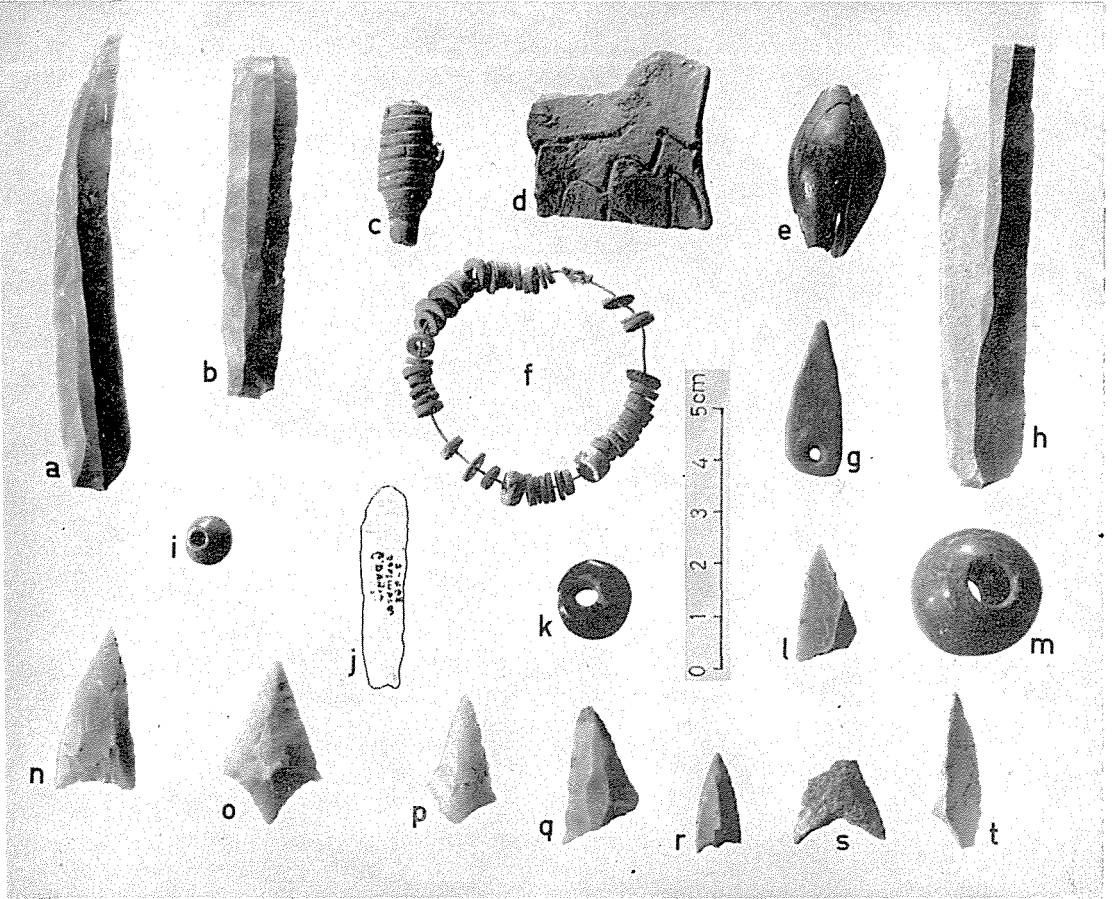


Fig. 1 — Peças de adorno e de pedra lascada da gruta do Bugio.

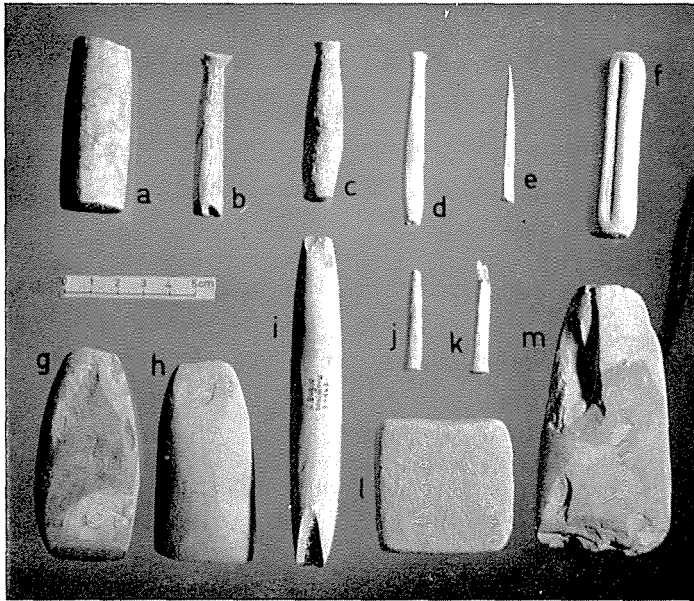


Fig. 2 — Peças de pedra polida, calcárias, objectos de osso e uma pedra de afiar.

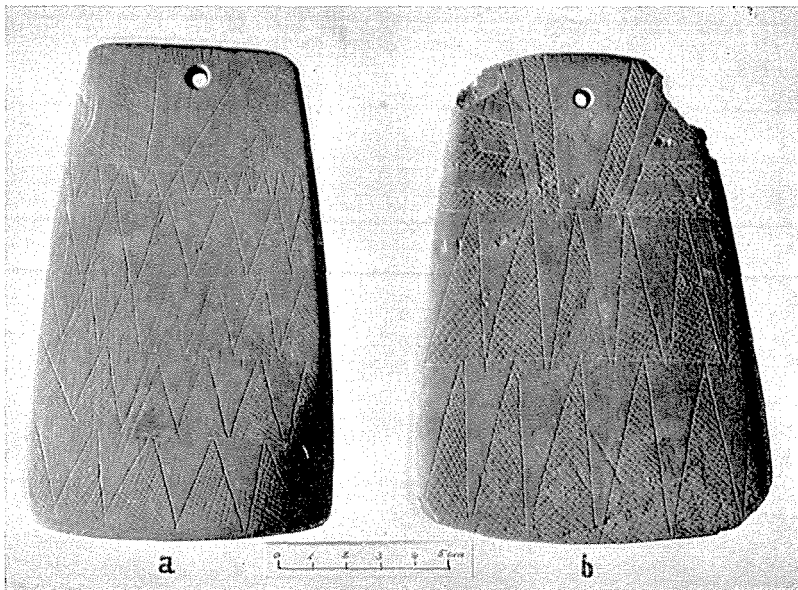


Fig. 3 — Placas-ídolos.

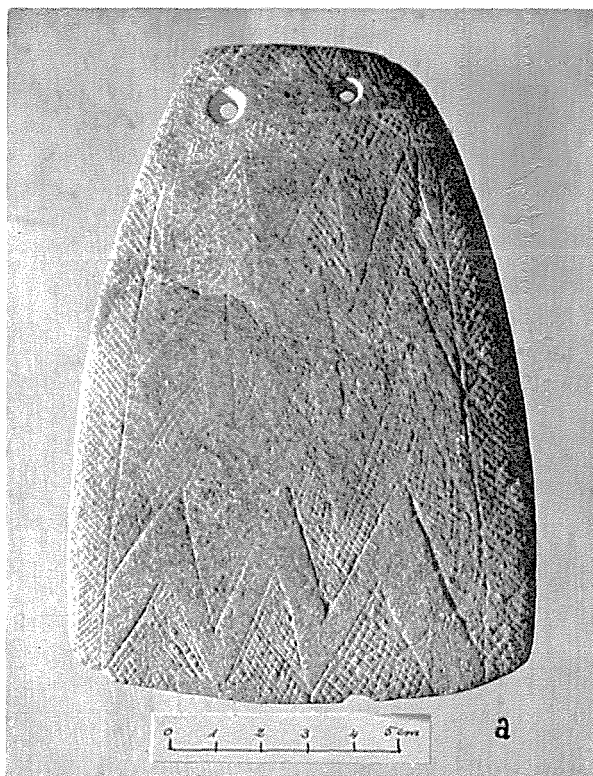


Fig. 24 — Placa-ídolo.

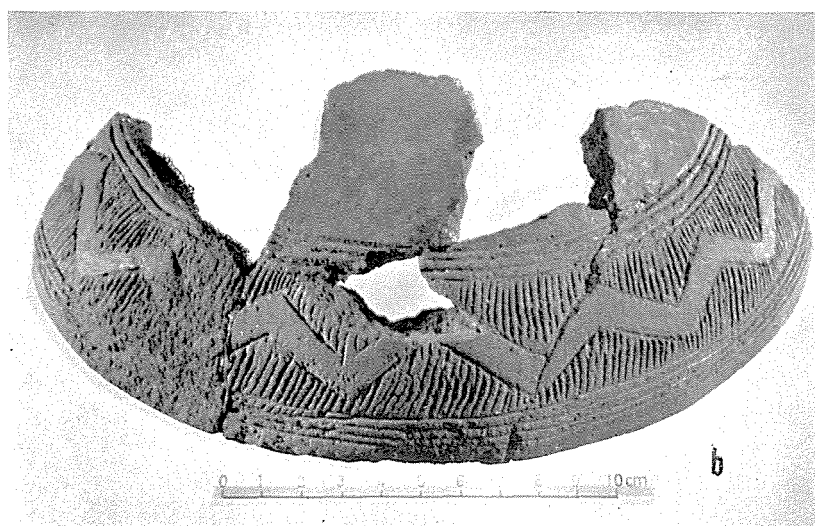


Fig. 5 — Cerâmica campaniforme.

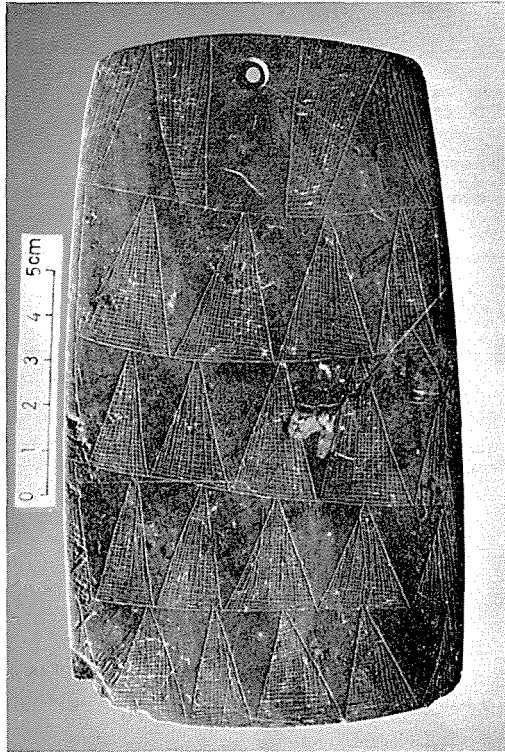


Fig. 6 — Placa-ídolo.

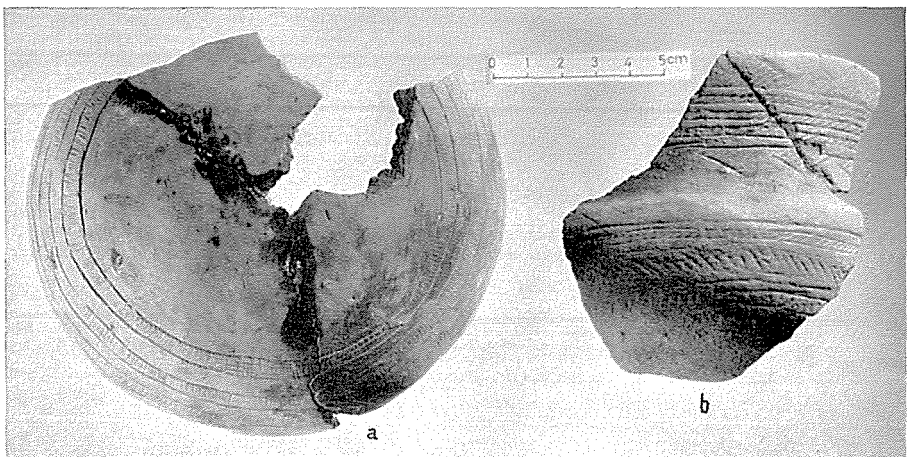


Fig. 7 — Cerâmica campaniforme.

a decoração lateral e externa é constituída por traços oblíquos e a interna, por faixas em zig-zague alternadamente lisas e riscadas por traços oblíquos entrecruzados. Em baixo 3 triângulos riscados e em cima 3 lisos.

A placa da Fig. 3 *a* tem a forma trapezoidal; é completa e de xisto preto; os lados são ligeiramente encurvados e os cantos um pouco arredondados; a face anterior é um pouco escavada e tem decoração; a posterior é abaulada e sem decoração.

Dimensões: 146 mm de comprimento, 88 mm de largura máxima, 63 mm de largura mínima e 11 mm de espessura máxima.

Decoração: no seu quarto superior, ao centro, tem gravado um trapézio de base maior superior, de superfície lisa, onde tem o orifício de suspensão; nos lados do trapézio há várias faixas dispostas oblíquamente, umas lisas, outras decoradas.

Em toda a superfície inferior há cinco faixas transversais, de largura desigual, com figuras triangulares insculpidas, umas lisas outras decoradas.

A placa da Fig. 3 *b* tem também a forma trapezoidal; os cantos estão algo fracturados; o orifício de suspensão está a meio na extremidade superior.

A face anterior é plana e decorada; a posterior é abaulada e não tem decoração.

Dimensões: 147 mm de comprimento, 102 mm (?) de largura máxima, 65 mm (?) de largura mínima e 10 mm de espessura máxima.

Decoração: dois sulcos transversais dividem a placa em três porções. A superior tem a meio um trapézio, de base maior superior; onde está feito o orifício de suspensão; externamente ao trapézio há duas faixas oblíquas, uma lisa e outra decorada e várias outras transversais a estas.

Nas duas porções inferiores tem vários triângulos gravados, uns decorados e outros lisos.

A placa da Fig. 6, de forma quase rectangular, está um pouco quebrada no canto inferior direito; os lados são levemente encurvados, os cantos, boleados e as faces planas.

Dimensões: 151 mm de comprimento, 84 mm (?) de largura máxima, 71 mm de largura mínima e 7 mm de espessura máxima.

Decoração: a face anterior tem quatro traços transversais, que a dividem em cinco faixas; a superior tem gravado a meio um quadrilátero liso e externamente a ele há dois trapézios gravados e triângulos lisos e decorados. Na parte mais alta do quadrilátero está o orifício de suspensão.

As outras faixas têm insculpidos triângulos isósceles, uns lisos e outros decorados.

A placa da Fig. 8a está incompleta por lhe faltar a parte superior; os lados são rectos e a base ligeiramente convexa; os cantos em ângulo vivo; as faces planas; a anterior decorada.

Dimensões: 139 mm (?) de comprimento, 91 mm de largura máxima e 7 mm de espessura máxima.

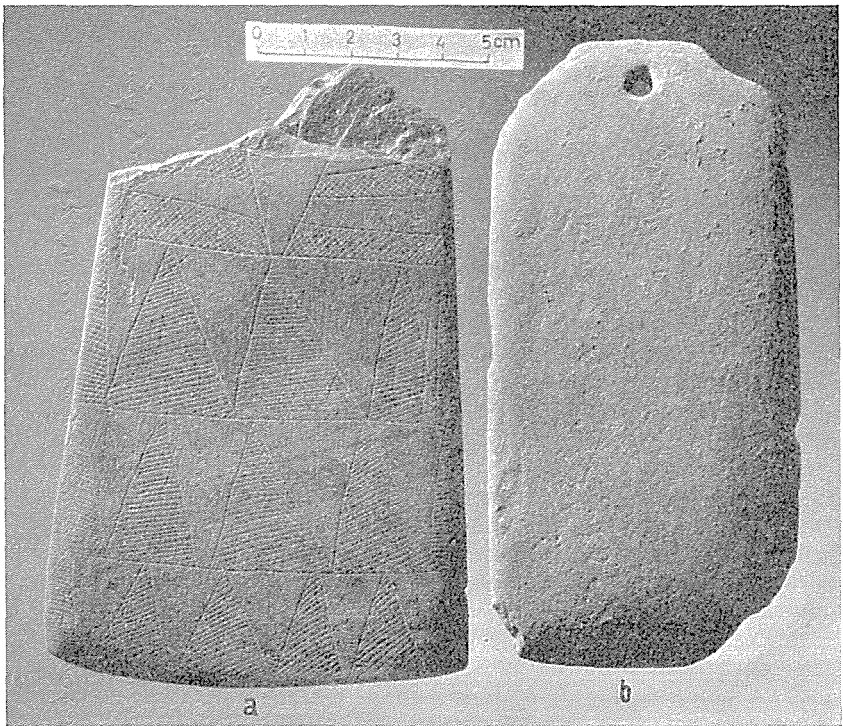


Fig. 8 — Placas-ídolos.

Decoração: a face anterior está dividida transversalmente por três sulcos, que delimitam quatro faixas; a superior tem ao centro um triângulo isósceles de base superior; aos lados deste há várias faixas oblíquas, umas lisas, outras decoradas.

As outras faixas apresentam vários triângulos insculpidos, uns lisos, outros gravados.

A placa da Fig. 8 *b*, é de xisto cinzento e tem a forma rectangular; os cantos estão truncados por fracturas antigas; no topo superior tem o orifício de suspensão.

Dimensões: 140 mm de comprimento, 67 mm de largura a meio e 11 mm de espessura máxima.

Não se vê qualquer gravação nas suas faces à vista desarmada, mas a fotografia mostra que numa das faces há uma faixa lateral a toda a altura e na parte média vários triângulos.

Cerâmica

Há fragmentos de 18 vasos de cerâmica lisa e 5 fragmentos de cerâmica decorada do tipo campaniforme.

Da primeira há 3 porções de fundos de vasos, 10 porções de bordos e outros fragmentos de 5 vasos.

Quanto à coloração da sua pasta temos dois tipos principais: cinzento-acastanhada e preta, correspondendo aos tipos A1 e C de Leisner, respectivamente.

A cinzento-acastanhada é feita de pasta fina, com raras pedrinhas incrustadas e com cobertura por dentro e por fora.

A cerâmica de pasta preta tem abundância de pedrinhas incrustadas.

A espessura máxima destes fragmentos é de 20 mm e a mínima é de 3,5 mm. O fragmento maior tem 145 mm de comprimento e o menor 27 mm.

Da cerâmica decorada temos uma porção do bordo superior dum vaso, com 29 cm de comprimento; a boca deste vaso devia ter um diâmetro de 220 mm. A decoração da face externa é bem patente na Fig. 5. A face superior do bordo tem várias séries de sulcos paralelos uns aos outros e dispostos obliquamente ao bordo, separados por superfícies triangulares sem decoração. A pasta deste vaso é cinzento-acastanhada com uma cobertura externa avermelhada-acastanhada e fina, com uma ou outra pedrinha incrustada.

Também há uns dois terços de um vaso, espécie de tigela (Fig. 7, *a*), que tem na face exterior 7 sulcos concêntricos. Estes delimitam 3 faixas lisas alternando com três faixas decoradas. A decoração é constituída por incisões normais aos traços. Este vaso devia ter uns 136 mm de diâmetro. A pasta é fina e cinzento-acastanhada, com cobertura externa avermelhada.

Há uma outra porção dum vaso mais pequeno constituído por uma parte do bordo e do bojo (Fig. 7, *b*).

Fragmento de metal

O único metal que encontramos na gruta foi um fragmento com 19 mm de comprimento e 7 mm de largura máxima que só uma análise poderá esclarecer se é cobre ou bronze.

Conclusões e cronologia

A gruta do Bugio está ainda longe de ter sido totalmente explorada.

Na sua parte média e no lado oeste, local onde parece existir a entrada primitiva, há ainda muita terra para ser removida e crivada.

Nela deve haver numeroso material ósseo humano e arqueológico.

A avaliar pela quantidade e qualidade do espólio arqueológico colhido na gruta até ao presente e ainda pelo estado de fragmentação dos ossos, com superfícies de fractura muito antigas, parece poder-se concluir que esta gruta foi também vítima de velhos remeximentos.

O espólio descrito por nós neste trabalho é semelhante ao referido pelos Srs. Rafael Monteiro e Dr. Eduardo da Cunha Serrão no trabalho *Estação Isabel (Necrópole pré-histórica de Azóia)*, (cit.).

Merece referência especial o facto de termos encontrado nesta gruta, na escavação que fizemos em Julho de 1964, um fragmento de cobre, que nos vem permitir pôr a hipótese de que alguns dos povos que usaram a gruta como necrópole tenham já conhecimento do metal.

Os referidos investigadores confessam não terem encontrado qualquer objecto de cobre ou de bronze na escavação feita em 1657 e consideram que a gruta foi «utilizada como necrópole num lapso de tempo compreendido entre os meados do terceiro milénio a. C. e os primeiros séculos do segundo».

O facto de termos encontrado na gruta este pequeno fragmento de metal leva-nos a admitir a possibilidade da existência de qualquer objecto metálico.

A ser assim poderíamos admitir ter havido na gruta inumações correspondentes a períodos muito mais afastados no tempo do que supuseram os referidos autores, indo até a períodos do fim da idade do bronze, senão mesmo até à primeira idade do ferro.

Oxalá novas escavações possam ser feitas na gruta para colheita de novos materiais ósseos e arqueológicos que nos dêem mais esclarecimentos sobre as várias culturas nela representadas, bem como sobre a sua cronologia.

Instituto de Antropologia «Dr. Mendes Corrêa»
Fac. de Ciências da Univ. do Porto
Fevereiro de 1968.

AGOSTINHO F. ISIDORO

Naturalista

O castro de Sabrosa

A meu Pai, Joaquim de Carvalho Ervedosa, pelo grande interesse manifestado nas explorações do castro de Sabrosa e pelo incitamento dado às mesmas.

O. D. C.

1. *Nota descritiva*

O *Castelo dos Mouros* ou *Cristêlo*, como é hoje vulgarmente conhecido o *Castelo da Sancha*, velha designação caída em desuso e proveniente da vizinha e antiquíssima aldeia da Sancha, é um arruinado castro erguido na extremidade oriental da «serra» do Criveiro (Fig. 1). Desde longa data vem sendo vítima da inclemência dos tempos e da acção dos homens que nas suas muralhas e paredes de habitações têm facilmente encontrado a pedra talhada para as suas construções, ou o campo de pesquisas de hipotéticos e sonhados tesouros.

Este castro, localizado no concelho de Sabrosa, distrito de Vila Real, fica 2 km a norte daquela vila, sobranceiro à estrada que segue para a Balsa, e está implantado em terrenos pertencentes à Junta da Freguesia de Sabrosa. A sua cota máxima é de 665 metros em relação ao nível médio do mar.

No seu solo, sobre a massa granítica em que assenta, estende-se uma camada de *salão*, areias esbranquiçadas resultantes da alteração daquela rocha, e sobre ele um manto de terra vegetal, escura, onde se desenvolve uma flora de pequeno porte, como fetos, tojos, carquejas, queirogas, urzes, giestas, rosmaninhos e outros arbustos da serra. O subsolo é rico em minério de estanho e volfrâmio.

À sua volta espraia-se o maravilhoso e variado panorama duma zona de transição: a oriente e a sul, a quente e doce paisa-